

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

2 e 4 de Janeiro de 2025

VIAGENS PELA NOITE – O MUNDO DE ANATOLE LITVAK (parte II)

CONFESSIONS OF A NAZI SPY / 1939

Um filme de Anatole Litvak

Argumento: Milton Krims e John Wexley, baseado em artigos de Leon G. Turrou / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco): Sol Polito / *Cenários:* Carl Jules Weyl / *Guarda-Roupa:* Milo Anderson / *Música:* Max Steiner (não creditado), trechos do hino nacional alemão e as canções “My Country of There” (Henry Carey), “Annie Laurie” (Lady John Scott) e “America, the Beautiful”, (Samuel Ward) / *Montagem:* Owen Marks / *Som:* Robert B. Lee / *Interpretação:* Edward G. Robinson (*Edward “Ed” Renard*), Francis Lederer (*Kurt Schneider*), George Sanders (*Franz Schlager*), Paul Lukas (*Dr. Kassel*), Dorothy Tree (*Hilda Kleinhauer*), Lya Lys (*Wrika Wolf*), Grace Stafford (*Helen Schneider*), Martin Kosleck (*Goebbels*), John Deer (*narração*).

Produção: Warner Bros / *Cópia:* versão original com legendas electrónicas em português / *Duração:* 100 minutos / *Estreia mundial:* Beverly Hills, 27 de Abril de 1939 (ante-estreia); estreia comercial a 6 de Maio do mesmo ano / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 12 de Setembro de 2005, no âmbito do ciclo “Do Ovo da Serpente à Hora Zero: Antes e Depois da Segunda Guerra Mundial”.

Como todos sabem, a Segunda Guerra Mundial teve início a 1 de Setembro de 1939 (a escolha de uma data “redonda”, o dia 1, não deve ter sido acaso, os alemães gostam de ordem), mas os Estados Unidos só entraram no conflito mais de dois anos depois, na sequência do ataque de Pearl Harbour a 7 de Dezembro de 1941, seis meses depois da Alemanha ter invadido a União Soviética. Independentemente do seu valor enquanto objeto de cinema, no contexto da luta entre isolacionistas e não-isolacionistas no seio do governo americano, **Confessions of a Nazi Spy** tem um interesse considerável por ter sido lançado comercialmente antes mesmo do início das hostilidades e lembrar-nos que a propaganda anti-nazi junto à opinião pública não nasceu com o conflito. É essencial ter isto em mente: **Confessions of a Nazi Spy** foi feito e distribuído quando a política do avestruz e a falta de informação ainda imperavam nos Estados Unidos e quando a agressividade do regime nazi ainda parecia contornável por alguns, apesar de todos os sinais em contrário (perseguição oficial dos judeus, anexação dos Sudetos e da Áustria). Ninguém, porém, minimamente informado ou lúcido poderia ainda duvidar da iminência do conflito. Em 1938, ao voltar da conferência de Munique, o Primeiro-Ministro francês Edouard Daladier pensou que a multidão que o esperava no aeroporto de Paris queria linchá-lo (ele bem sabia que a França e a Grã-Bretanha se tinham curvado diante de Hitler) e ao saber que estavam a aclamá-lo como “salvador da paz” teve uma réplica célebre: “Ah, que palermas!” (a palavra usada por Daladier, *cons*, é muito mais virulenta que “palermas”). Lembremos também que **Confessions of a Nazi Spy** não foi exibido comercialmente em Portugal (nem na Espanha de Franco), mas foi exibido em outros territórios. O número de Junho de 1939 da revista britânica *Monthly Film Bulletin*, publicado pelo órgão de Estado que é o British Film Institute contém uma breve resenha sobre o filme, que é útil citar, inclusive pela ambiguidade das frases: “Este filme, que tem a sua génese em recentes processos de espões, não é certamente um gesto de amizade internacional e o espectador não pode julgar a sua exatidão enquanto dramatização de acontecimentos reais. Descreve o ímpeto que leva homens e mulheres à ação, mais do que as ações propriamente ditas. (...) Vemos o nazismo unicamente sob um aspecto: o da dominação. (...) Um filme que deve ser visto, mas com a qual não se deve sonhar. Embora tenha recebido a classificação etária “U”, não deve ser visto por crianças”. Goebbels parece ter levado a sério o impacto do filme: os

gerentes das sete salas da Polónia que o tinham exibido foram enforcados mal o país foi invadido.

Embora o responsável principal pelo filme seja Jack Warner, patrão da Warner Bros., impelido pelo facto do seu representante em Berlim ter sido espancado à morte, não se pode diminuir a importância de Anatole Litvak. O seu próprio perfil de judeu russo-ucraniano, que passara por Berlim, onde realizou três filmes, antes de transitar por Paris, onde também filmou e chegar a Hollywood, dispunha-o a abordar com empenho um trabalho deste tipo. Realizador versátil, Litvak viria a ter um importante papel na célebre série de propaganda **Why We Fight**, cujo mérito costuma ser atribuído única e abusivamente a Frank Capra e cujo primeiro número se intitula precisamente **The Nazis Strike**. Embora seja um pouco pleonástico falar em “propaganda” a propósito de um filme de Hollywood, **Confessions of a Nazi Spy** é um filme de ficção declaradamente de propaganda e utiliza técnicas do género: a principal consiste em assinalar que aquele terrível perigo que vemos é bem real (o argumento apresenta-se como baseado no trabalho do investigador do FBI que deslindou o caso), mas já se afastou. A mesma técnica seria utilizada mais tarde em filmes de propaganda anti-comunista, inclusive em alguns títulos, que contêm um verbo no tempo passado: **I Was a Communist for the FBI**, por exemplo. A voz *off* de um narrador vem lembrarnos periodicamente que estamos a ver factos tirados do real, explicando e situando tudo, num efeito didático. O título, com a palavra *confissões*, de teor policial, indica que uma verdade subjacente, da qual alguns podem duvidar, veio à tona e foi reconhecida pelo próprio responsável. Em suma, houve crime e confissão e tudo foi descoberto e resolvido pela polícia, não pelos serviços de espionagem, o que pode corresponder à verdade dos factos, mas sobretudo tem a função propagandística de alertar o espectador, fazer penetrar na sua cabeça a ideia de que os nazis são um perigo, porém sem alarmá-lo em demasia, para rebaixar os nazis ao nível de criminosos de direito comum, simples casos de polícia. Habilmente, porém, o argumento vai mostrando em *crescendo* o perigo que os nazis representam e sobretudo a brutalidade dos seus métodos. Na reunião política inicial, o chefe dos nazis decalca nitidamente o seu estilo oratório no de Hitler, de modo a induzir o espectador a associá-los, o que é sublinhado pelas imagens do verdadeiro Hitler no ecrã, que vemos mais tarde. Para o papel de Goebbels, embora o seu nome não seja mencionado, foi escolhido um ator tão parecido quanto possível com o modelo, com o pormenor realista de ser coxo, também de modo a levar o espectador a pensar que aquelas criaturas poderiam de facto penetrar subrepticamente nos Estados Unidos. Para não haver mais dúvidas, quase todos os personagens alemães do filme falam inglês com pesado sotaque alemão, até o ultra-britânico George Sanders, que temos a surpresa de ver de farda e corte de cabelo militar, bem longe das suas habituais figuras de *gentleman* cínico. Como num filme de propaganda é preciso pensar em tudo, o argumento faz com que alguns teuto-americanos, um dos grupos mais numerosos entre a população branca do país, se oponham ao nazismo. Por outro lado, a questão da perseguição aos judeus é quase escamoteada, exceto sob a forma de uma alusão feita pela passageira do barco à manicura, que trata de denunciá-la. Tudo é muito pensado e embora o *suspense* seja pouco, tudo se resolve ao modo de um filme policial, numa encenação típica do cinema de série B, “convexa”, sóbria, rápida, mas que nunca deixa de sublinhar que os criminosos de que se trata não são simples *gangsters*.

Antonio Rodrigues